

DUBET, F. *O que é uma escola justa? A escola das oportunidades*. São Paulo: Cortez, 2008.

Magali Saddi Duarte*

François Dubet (2008), no livro *O Que é Uma escola Justa? a escola das oportunidades*, advoga a favor de uma escola única que tenha como premissa ajudar os mais fracos. O sociólogo defende um modelo de escola que contemple a igualdade de oportunidades, mas que mudanças sejam desenvolvidas no sentido de favorecer aos “alunos de menor performance” (p. 73). O pensamento de Dubet remete o leitor à teoria da equidade do filósofo americano John Rawls (2002), que defende a igualdade de direitos e deveres e admite a desigualdade quando o ganho maior de um implicar em benefício do outro. De acordo com o pensamento do autor americano, “não há injustiças nos benefícios maiores conseguidos por uns poucos desde que a situação dos menos afortunados seja com isso melhorada” (Rawls, 2002, p. 16). A proposta de Rawls (idem, p, 3), “a ideia da justiça como equidade”, propõe uma política de igualdade na diversidade, que é retomada e defendida por Dubet.

François Dubet desenvolve o argumento da escola justa apoiado no tripé: igualdade de oportunidades, cultura comum e utilidade da formação. Destaca o fato de que uma escola que se constitua por desigualdades, mas que considere e não desampare os mais fracos, não se mostra injusta, posto que, de acordo com suas observações, a desigualdade faz parte da sociedade, e na escola, ainda que haja a igualdade de oportunidades, mesmo assim ela não poderá desenvolver-se pela igualdade em face das diferenças dos sujeitos que a frequentam.

* Professora de Língua Inglesa do Cepae/UFG. E-mail: magalisaddi@gmail.com

Verifica-se uma consonância entre o pensamento do sociólogo francês e as atuais políticas educacionais brasileiras que vêm, desde a última década do século passado, substituindo o termo igualdade pelo termo equidade, pois este se mostra mais adequado caso se pense, como ele, que

a igualdade das oportunidades é a única maneira de produzir desigualdades justas quando se considera que os indivíduos são fundamentalmente iguais e que somente o mérito pode justificar as diferenças de remuneração, de prestígio, de poder (...) que influenciam as diferenças de performance escolar. (Dubet, 2008, p. 11)

Observa-se, ainda, que o texto em questão apresenta uma semelhança de ideias com o documento produzido pelo Banco Mundial, intitulado “A equidade aumenta a capacidade de reduzir a pobreza” (2006), quando este menciona que o modelo educacional anterior ao modelo de igualdade de oportunidades impedia ou dificultava o desenvolvimento dos alunos com talento, porém sem condições socioeconômicas favoráveis.

O texto trata de determinada cultura comum, que não está muito claro o que venha a ser, mas a ideia é a de que sua obrigatoriedade visa à igualdade de resultados. Nesse sentido, aqueles que se esforçarem garantem a conclusão da etapa em que estão e asseguram condições iguais para decidirem sobre o futuro.

Já a última fundamentação, sobre a utilidade de formação, diz respeito à formação do indivíduo. Dubet (2008, p. 95) diz da necessidade de a escola formar um sujeito capaz de integrar-se socialmente e ainda capaz de gerenciar sua vida.

Além dos conhecimentos, das competências e de sua utilidade social, a escola produz um bem educativo particular que é a formação dos indivíduos como sujeitos capazes de dominar sua vida, de construir suas capacidades subjetivas de confiança em si e de confiança em outrem. Essa aprendizagem resulta menos dos saberes adquiridos que do seu modo de transmissão e do estilo educativo escolhido pela escola. Não somente uma escola justa deve ser útil à integração social dos alunos, mas ela deve formar os sujeitos de uma sociedade democrática e solidária. É nesse sentido que se deve entender a igualdade individual de oportunidades.

O conceito de igualdade é um princípio formal, porque na sociedade capitalista está comprometido com as questões estruturais. Trata-se de um conceito liberal, que, na contemporaneidade, vem sendo redefinido pelo termo equidade, pelo pensamento neoliberal. Ao substituir o termo igualdade pelo de equidade, rompe-se com a ideia de igualdade substantiva.

O texto do autor francês apresenta-se em consonância com a política de reforma e em total discordância com o pensamento do húngaro Istvan Meszáros (2007), que, ao analisar o modo de produção capitalista, mostra como a reforma mantém vigentes a ordem estabelecida e os princípios que a engendram. Se Meszáros defende o rompimento com a lógica do capital para que se possa pensar um processo educacional radicalmente diferente, François Dubet, por sua vez, propõe uma reforma que nega o princípio de igualdade substantiva e, ao defender a igualdade de oportunidades, acaba defendendo princípios que respeitam a diferença como princípio de igualdade.

A pensar como Meszáros (2007), a ideia de igualdade substantiva como preceito deve ser assegurada. Assim, evidencia-se a necessidade da crítica ao termo equidade, posto que, neste, a igualdade migra do dever-ser para o poder-ser. Parafraseando Marx, o que a sociedade capitalista fez até o momento atual foi naturalizar a desigualdade, como se ela não fosse um elemento que passou a existir com a propriedade. Trata-se de pensar uma educação capaz de se posicionar contrariamente à proposta dessa naturalização e que busque resistência às reformas que não auxiliam a mudança. Nesse sentido, sugere-se uma educação que possa revelar a ideologia que se põe cotidianamente, ou seja, a ideia de liberdade e de igualdade, que são ideias meramente formais, constitucionais – e que rume, de fato, para uma sociedade justa e democrática, não fundada na garantia da propriedade privada, mas no princípio de uma igualdade substantiva que promova uma existência humana e verdadeira.

François Dubet, sociólogo, é professor na Université de Bordeaux II e diretor de pesquisa na École des Hautes Études em Sciences Sociales. Publicou os seguintes livros: *Les Lycéens* (Le Seuil, 1991), *Sociologie de L'Expérience* (Le Seuil, 1994), *L'Hypocrisie scolaire* (em colaboração com Marie Duru-Bellat, Le Seuil, 2000), *Le Declin de l'institution* (Le Seuil, 2002), *Injustices; l'expérience dès inégalités au travail* (com colaboradores, Le Seuil, 2006).

Referências

BANCO MUNDIAL. *A equidade aumenta a capacidade de reduzir a pobreza*. Washington, D.C.: BIRD/Banco Mundial. Relatório sobre o desenvolvimento mundial. (Press Release). Disponível em: <<http://go.worldbank.org/BS9QZIYODO>>. Acesso em: abr. 2007

MESZAROS, I. *O desafio e o fardo do tempo histórico*. Tradução Ana Cotrim, Vera Cotrim. São Paulo: Boitempo, 2007.

RAWLS, J. *Uma teoria da justiça*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.